

## CURRÍCULO: PENSAR, SENTIR E DIFERIR\*

PEDRO BENJAMIN GARCIA\*\*

**C**urrículo: pensar, sentir e diferir, coletânea de textos organizada por Antonio Flavio Barbosa Moreira, José Augusto Pacheco e Regina Leite Garcia, reúne artigos de especialistas que participaram do *II Colóquio luso-brasileiro de questões curriculares*, ocorrido em agosto do ano passado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Trata-se de um livro que expressa uma grande diversidade de posturas teóricas, oferecendo ao leitor um leque de opções para entender a complexidade que envolve as questões curriculares, desde uma concepção delimitada ao âmbito escolar até sua extrapolação para o currículo dos *shopping centers* etc., como quer Alfredo Veiga-Neto, para quem o currículo abrange parte significativa da vida social.

O livro inicia-se com o artigo de John Willinsky, da Universidade de British Columbia, “O ensino médio pós-colonial: os alunos se adiantaram”, analisado por Antonio Flavio Barbosa Moreira e José Augusto Pacheco.

Willinsky narra a experiência que realizou na classe de uma escola de ensino médio, no Canadá, buscando inovar o estudo da poesia nessa escola. Com este objetivo optou por criar uma antologia que, diferente da oficialmente adotada, refletisse a identidade canadense. Identidade múltipla que contemplasse, além das línguas oficiais, o inglês e o francês, outros idiomas. A idéia básica foi possibilitar que os próprios alunos criassem uma antologia suplementar, a qual “falasse em muitas línguas”. E isso foi feito reunindo desde um poema de Catulus (84-54 a.C.) até

---

\* Resenha da coletânea organizada por Antonio Flavio Barbosa Moreira, José Augusto Pacheco e Regina Leite Garcia, *Currículo: pensar, sentir e diferir* (Rio de Janeiro: DP&A, 2004).

\*\* Professor da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), pesquisador associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador do CNPq. *E-mail*: pedrogarcia@terra.com.br

uma canção dirigida à comunidade *rap*. De toda a experiência ficou a perspectiva da poesia como língua viva, escolhida pelos distintos gostos dos alunos, os quais, assim agindo, assumiram sua própria educação com autonomia.

Antonio Flavio Barbosa Moreira, dialogando com Willinsky, resalta a importância de abrir o espaço da sala de aula para diferentes vozes. Em segundo lugar, aponta para as identidades “fragmentadas, instáveis, contraditórias, cambiantes e descentradas” que negam a perspectiva essencialista de uma identidade imutável.

Finalmente se pergunta até que ponto uma experiência como a realizada não corre o risco – se não for seguida de um apoio institucional e de outros trabalhos análogos – de ser tornar um fato episódico sem maior relevância.

Debruçado sobre o mesmo texto, José Augusto Pacheco aponta a antologia da escola média canadense – à que se contrapõe a antologia suplementar de Willinsky – como uma tentativa de transmitir uma identidade oficial, única e homogênea. Ressalta que, com a proposta de Willinsky, busca-se o contrário: a diversidade das experiências, vozes atuantes e o conhecimento como algo vivo que se coloca no cotidiano de cada aluno.

Segue o texto Ana Maria Costa e Silva, da Universidade do Minho, que analisa a formação de adultos dando ênfase à importância da experiência nos processos de aprendizagem. Nesse processo a narrativa adquire um peso fundamental na criação de sentido e construção de conhecimento, possibilitando ao sujeito ressignificar sua existência.

Em “Os sujeitos praticantes dos cotidianos das escolas e a invenção dos currículos”, Carlos Eduardo Ferrazo aponta para a pretensão universal do sujeito que, ao se desencarnar da sua particularidade, torna-se ficção. Em contrapartida, valoriza a reinvenção do cotidiano que se transforma a cada dia.

Gelsa Knijnik, tomando como referência, em seu texto, o livro *Império*, de Michel Hardt e Antonio Negri, analisa a luta pela reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo Hardt e Negri, as “lutas são ao mesmo tempo econômicas, políticas e culturais – e, por consequência, são lutas biopolíticas, valendo para decidir a forma de vida. São lutas constituintes, que criam novos espaços públicos e novas formas de comunidade”. Nesta linha, os sem-terra – con-

forme a autora – educam-se na própria luta, tornando inapreensível uma única identidade sem-terra. Aliás, é interessante perceber, nesta série de artigos, a ênfase que todos dão a uma identidade múltipla.

“Educar para o século XXI: que papel para o(a) professor(a)?” é a temática abordada por José Carlos Morgado. O currículo, segundo o autor, em um mundo globalizado e em constante mutação, reconstrói-se permanentemente. Nesta perspectiva, em que o “saber passou a ser algo discutível e rapidamente trasmutável, disponível e de fácil acesso”, o professor passa de difusor de conhecimentos para parceiro de um saber coletivo.

Maria Célia Marcondes de Moraes, em “Incertezas nas práticas de formação e no conhecimento docente”, critica o caráter salvacionista atribuído à educação, decorrente da idéia de que esta se deva adequar à lógica do mercado. Como conseqüência desta postura, questiona a sedução que o avanço científico-tecnológico exerce sobre os intelectuais, os quais concebem este fenômeno como uma expansão da informação e do conhecimento sem levar em conta a manipulação que ambos sofrem pelos que detêm maior poderio econômico e militar. Este pensamento hegemônico, pouco questionado, serve de base para propostas de formação que primam pela reprodução da mesmice que nada cria.

Maria Teresa Esteban inicia seu texto com uma epígrafe de Manoel de Barros que fala em “carregar água na peneira”, metáfora de trabalho inútil. No entanto, a autora considera o sentido mágico deste verso como uma perspectiva de contemplar a diferença, que se contrapõe ao percurso único e à homogeneidade de resultados. Em síntese, propõe “exercícios de ser”, longe dos estereótipos da hierarquia, da classificação e da segregação. Contemplar o insólito e levá-lo em conta pode ser o início de um olhar transformador.

Menga Lüdke realiza uma incursão, desde os anos de 1970 até os dias de hoje, pelas propostas de reformas abrangendo a formação dos professores. Critica os planejadores que ignoram a opinião de professores e alunos, bem como pesquisas que poderiam ajudá-los a propor objetivos os quais auxiliassem a minimizar o fracasso escolar que se arrasta por décadas.

Os dois últimos artigos são de Sandra Mara Corazza, “Metainfanciofísica: a criança e o infantil”, e de Tomaz Tadeu da Silva, “A golpes de estilo”.

Corazza pensa o infantil como “paradoxo, acontecimento, devir”, substituindo a “unidade abstrata ‘criança’ pela multiplicidade concreta ‘infantil’”, em que a principal diferença entre os termos se dá uma vez que o infantil nos habita, ao passo que a criança é datada. Mas a “família, a escola, a psicologia e a pedagogia não querem saber nada disso (...)”, já que expulsam o infantil, signo da criação.

Tomaz Tadeu foca o seu texto sobre o “estilo”, que define – a partir de Deleuze e Guattari – como “processo pelo qual se submete a língua a um processo de variação contínua”.

Isto posto, investe contra o estilo educacional. Um estilo que faz propostas, quando ele, autor do texto, nada quer propor. O que busca é fazer fluir a língua “em ressonância com o fluxo da vida”. E termina o seu texto perguntando: “(...) a escrita educacional viraria literatura?” E responde: “Tanto melhor”.

E o livro termina com esta provocação. Pensando nela acho que uma educação sem proposta não é educação. Melhor fazer filosofia ou, ainda mais condizente, fazer literatura – total liberdade, total fluir gaguejante. Hoje em dia as áreas interpenetram-se, mas não a ponto de perderem suas identidades, por mais fluidas que sejam, como é o caso da etnografia e da literatura.

Como se percebe, temos currículo para todos os gostos. E, o que é mais interessante, um debate que só pode enriquecer a área nem sempre criativa da pedagogia.